

Perfil dos bandidos armados ...

## ② Macuácuá: Testemunho da barbárie

A localidade de Macuácuá, na Província de Gaza, distrito de Manjacaze, foi testemunho da barbárie dos bandidos armados. Submetida durante longos meses à sanha assassina dos fantoches de Pretória, viria a ser libertada pelas Forças Armadas que varreram os criminosos e restabeleceram a paz.



Cerca das 20 horas do dia 16 de Maio de 1982, um numeroso grupo de bandidos chegou a Macuácuá, distrito de Manjacaze, província de Gaza. Atirando para todos os lados e lançando gritos selvagens, dirigiram-se à residência do Primeiro-Secretário da Localidade — que assassinaram à queima-roupa. Em seguida procuraram o Secretário do Comité Distrital para a Organização do Partido, assassinaram-no, e procederam de idêntico modo em relação ao director-adjunto da Comissão Distrital das Aldeias Comunitárias. Massacraram a sangue-frio outros civis que não tinham conseguido fugir a tempo. Depois foram à sede da Localidade onde queimaram o posto sanitário, a maternidade, a residência do Administrador e a Secretaria. Incendiaram igualmente viaturas, na serração da MADEMO, assassinaram milicianos. Foram à casa do director da MADEMO. Estava ausente, mas mataram a sua noiva, desaparecendo, finalmente, para o mat.

Segundo as descrições feitas por uma camponesa de nome Atália, os criminosos constituíam um enorme grupo. «Entraram na minha casa. Roubaram-me cobertores, roupa e louça», acrescenta.

Atália encontra-se agora na sede da Localidade de Macuácuá, para onde se refugiou após um assédio dos bandos armados à sua área residencial. Junto com os seus familiares e outros camponeses vive, desde então, sob a protecção do exército e milícias populares, com donativos de solidariedade.

«Organizámos a população e enquadrámos-na na aldeia comunal. A nossa aldeia comunal tem três bairros. Criámos comissões de trabalho para construção, porque muitas pessoas evacuadas do mato vieram para aqui. Outras são mulheres cujos maridos estão na

Tomás Catingue, internado no Hospital da Cidade de Inhambane; uma vítima dos bandos armados

África do Sul, outras perderam os seus maridos porque os bandidos os mataram ou raptaram. Não têm quem lhes possa construir uma cabana. Temos uma comissão que anda a cortar caniço e outras comissões que organizam outro material — estas são declarações do administrador da Localidade de Macuácuá, Sarmento Cuco.

Referindo-se ao abastecimento, o administrador explicou que «temos tido sempre apoio por parte do distrito, que fornece géneros sempre que haja. Ultimamente tem havido falta de produtos, como acontece em todo o lado». As cantinas da Localidade-Sede de Macuácuá estiveram longos meses encerradas. Foram reabertas em Janeiro e Maio e, no dia em que chegámos a Macuácuá, a semana passada, uma terceira cantina estava a ser reaberta, apenas com milho para distribuir.

Devido à acção dos bandidos, agravada pela seca, os géneros alimentícios têm sido distribuídos gratuitamente. No dia em que a equipa da Informação nacional visitou Macuácuá, estava a ser distribuído leite.

«Quando os bandidos armados aqui entraram, andaram a tirar tudo o que a população tinha, desde alimentação, bens, tudo. Neste



Serração da MADEMO em Macuácuá, atacada pelos bandos armados

momento a população só conta com os produtos de assistência. É por isso que neste momento está a morrer muita gente de fome. Esperamos a campanha da castanha. Existe também o problema da seca, mas o que agravou muito a situação foi a acção dos bandidos armados, porque, embora haja seca, em algumas zonas como Chilatanhã e Mangonde havia mandioca e, no ano passado também

colheram milho e amendoim, e que não foram aproveitados porque os bandidos armados andavam a roubar e a população já estava aqui concentrada» — descreve Sarmento Cuco.

#### A ACÇÃO DOS BANDIDOS

Sarmento Cuco, administrador de Macuácuá, acedeu à Informação moçambicana, uma entrevista

População, cuja vida normal foi prejudicada pelos bandos armados, depõe à Informação nacional, em Inhambane



em que conta a série de crimes que os bandos praticaram ali, ao longo de seis meses, antes de a Localidade vir a ser libertada em Janeiro deste ano pelas FAM.

Pergunta: Quantas pessoas foram assassinadas pelos bandidos?

Resposta: No ataque que fizeram no dia 15 de Maio de 1982, 16 pessoas foram assassinadas. Depois, como os bandidos conti-

nuaram por cá, andaram a perseguir os responsáveis, um por um e mataram-nos. Para além dos responsáveis muitas outras pessoas também foram assassinadas. Não podemos saber o número total das vítimas porque muitas pessoas vieram a morrer quando já estávamos na sede do distrito. Mas foram muitas pessoas porque os bandidos, nas suas persegui-

ções, se apanhassem alguém começavam a perguntar onde estavam os membros do Partido, os milicianos ou deputados. Se essa pessoa se recusasse a responder era morta ou iam à casa dela retirar-lhe os haveres.

P: Foram raptadas pessoas?

R: Foram raptados muitos jovens.

P: O que roubaram à população?

R: Mobiliário, produtos, gado. Até aqui continuam a roubar gado.

P: O inimigo resistiu muito quando as nossas forças vieram desencadear a ofensiva?

R: Não ofereceram resistência nenhuma. Tinham acampamentos aqui em Fumane e em Simbirine. Só em Simbirine, como lugar estratégico para eles, tentaram resistir.

P: Foram capturados alguns bandidos?

R: Sim, houve bandidos capturados. Também sofreram pesadas



Ao lado: Obuses de morteiro fornecidos pela RAS aos bandos armados. Em baixo: Macuácu: crianças, cujos pais foram assassinados ou raptados pelos bandos armados



baixas e até aqui continuam a sofrer.

P: A partir de Janeiro, os bandidos chegaram a fazer mais algum ataque?

R: Sim, têm feito ataques. O último foi no dia 15 de Julho. Vieram atacar a Localidade. Por parte das nossas forças não houve nem um ferido, mas os bandidos sofreram baixas. Deixaram cinco cadáveres aqui e outros foram encontrados pelo caminho.

P: Qual tem sido a reacção da população perante as operações das nossas forças?

R: A população tem apoiado muito as nossas forças, tanto no carregamento do material como dando informações para as nossas forças conseguirem neutralizar as acções dos bandidos. Mesmo recentemente, o inimigo vinha atacar a localidade, mas a população informou as nossas forças e foram tomadas medidas. Então, os bandidos não vieram atacar-nos e foram atacar Mamitelane. Portanto, a população tem dado apoio às nossas forças.

P: Com as operações militares que decorrem, ainda não se conseguiu localizar o foco dos bandidos armados nesta zona?

R: O problema dos bandos armados, neste momento é o seguinte: como estão a ser perseguidos, dividiram-se em pequenos grupos de cinco, seis, sete, quanto muito dez ou doze. São esses que conseguem vir minar aqui, porque eles andam camuflados ou lá nas residências onde a população vivia, já que toda a população está aqui concentrada, as palhotas ficaram lá e eles, então aproveitam esconder-se nessas palhotas abandonadas, e aproveitam as noites para andar a cometer os seus crimes.

P: Tem acontecido ser encontrado armamento dos bandidos escondido no mato? Perguntamos isto porque em Chibuto um dos

bandidos capturados disse-nos que, na sua fuga, muitas vezes eles escondem as armas no mato e tentam confundir-se com a população.

R: Durante a ocupação dos bandos armados nas matas de Simbirine, eles andavam a esconder grandes quantidades de armamento. Como estão a ser varridos, eles fogem para longe e, então, em pequenos grupos, aproveitam voltar para os lugares onde esconderam armamento, aproveitam esse armamento para andar a criar confusão. Mas eles, neste momento, não têm armas para nos poderem enfrentar. Têm munições apenas para andar a amedrontar as populações.

P: Não têm aparecido bandidos que se entregam ou que são cap-

turados pela população ou pelas milícias?

R: Aqui na sede da Localidade poucos têm aparecido. Mas têm sido capturados, especialmente lá em Simbirine e, outros mesmo entregam-se, porque vêem que não têm sucesso. Estão sendo perseguidos e, além disso, estão a sofrer de fome, porque neste momento não há comida lá. As nossas forças ocuparam todos os lugares estratégicos. Onde bebiam água, as nossas forças estão lá. Portanto, eles vêem que não podem conseguir sobreviver.

Texto Xavier Tsenane  
Fotos Domingos Elias  
Azarias Inguane  
Amadeu Marrengula



Em Macuáua, menores orfãos subsistem com o auxílio do Governo e organismos internacionais